

## Relatoria do LACIGF 13

**Título da sessão:** Sesión 3 – Transformación digital, aceleración y uso de nuevas tecnologías en un mundo post COVID-19

**Elaborado por:** Carolina Fiorini Ramos Giovanini (UFJF, Brasil), Cristian Henrique Martins de Souza (IFRN, Brasil), Eduarda Costa Almeida (LAPIN, Brasil), Thobias Prado (UFU, Brasil)

**Revisado por:** Juliana Novaes (Youth Observatory, Brasil)

### Resumo da sessão:

O primeiro painel da sessão abordou o fomento à presença digital e foi moderado por **Rodrigo de la Parra (ICANN)**. Rodrigo destacou como a atual pandemia revela um cenário de crescente transformação digital devido às medidas de confinamento. O moderador levantou a necessidade de discutir os impactos técnicos, econômicos e sociais causados pelo aumento da presença digital.

**Luis Arancibia (LACTLD/NIC Chile)** foi questionado sobre os impactos da pandemia nas questões técnicas e operacionais. Luis comentou que o confinamento social implica maior necessidade de acesso à internet e, conseqüentemente, há um aumento significativo na demanda por nomes de domínio. Foi destacado que o DNS se mostrou robusto e seguro, pois as operações continuaram sem qualquer risco ou comprometimento. Posteriormente, Luis Arancibia e **Miguel Ignacio** (que ingressou na sessão durante um momento de instabilidade na conexão de Luis), destacaram projetos que visam à transformação digital na América Latina durante a pandemia, promovendo acesso à Internet e treinamentos dos usuários.

**Héctor Faya (Facebook)** foi questionado acerca dos impactos da pandemia nas pequenas e médias empresas. Héctor apresentou o estudo “Global State of Small Business” e esclareceu que as pequenas e médias empresas estão começando a reabrir e a se recuperar conforme as medidas de confinamento estão sendo flexibilizadas. De acordo com Héctor, setores como comunicação e logística foram menos afetados pela pandemia, enquanto hotelaria e restaurantes foram mais. Foi destacada a existência de desigualdade de gênero, pois empresas comandadas por mulheres estavam 7% mais propensas a fecharem durante a pandemia. Por isso, observou-se que as estratégias de retomada precisam ser inclusivas, levando em consideração a situação de grupos vulneráveis.

**Mercedes Aramendia (URSEC)**, fez apontamentos sobre os desafios enfrentados pelos governos como reguladores de tecnologias no contexto de pandemia. Ela destacou que a pandemia modificou a relação entre reguladores e regulados. Por isso, ficou mais evidente a importância da qualidade, unidade e segurança do sistema estatal como um todo. Para Mercedes, os reguladores devem estar próximos das pessoas e devem buscar resolver obstáculos técnicos com liberdade, responsabilidade e cooperação. Sobre a pandemia, ela destacou que, no Uruguai, o tráfego de banda fixa aumentou 100%, se comparado ao mesmo período do ano passado e o tráfego de banda móvel aumentou 38% em comparação ao mesmo semestre em 2019. Além disso, Mercedes frisou que a capacidade de flexibilização do órgão governamental é de suma importância para proporcionar equilíbrio entre os cidadãos e as empresas. Dessa forma, ela destacou que os reguladores devem trabalhar e pensar de acordo com a totalidade do ecossistema, dando confiança e sendo realistas sobre a necessidade de atualizar algumas normas ou torná-las sem efeito no caso concreto.

**Carolina Barada (Wingu)** afirmou a importância de pontuar os desafios para a sociedade após a pandemia, como o trabalho remoto e outras novas ferramentas que vão se manter mesmo depois do fim da situação sanitária atual. Para ela, algumas dificuldades trazidas pela pandemia são: a necessidade de trabalho em equipe online e a falta de acesso à internet ou à dispositivos tecnológicos. Além disso, notou outros problemas mais profundos, como a sustentabilidade do funcionamento de uma equipe, o engajamento em eventos online e as inevitáveis reduções nas equipes de trabalho das diversas organizações com as quais ela teve contato. Para Carolina, os funcionamentos dos mecanismos de serviço e trabalho não voltarão a ser iguais a antes da pandemia. Segundo Carolina, a responsabilidade de mudanças tão profundas é a Internet, visto que a relação do humano com a tecnologia mudou para sempre e muitos benefícios vieram para ficar. Portanto, Carolina entende que, diante das experiências hodiernas em países na América Latina, a tecnologia possibilitou a criação de novos tipos de manifestações sociais legítimas. Ainda, toda essa transformação criou um senso de ajuda mesmo entre organizações diferentes, já que os problemas identificados são similares entre si e não possuem fronteiras territoriais como antes.

O segundo painel da sessão, moderado por **Beatriz Rodríguez (AGESIC, Uruguai)**, tratou sobre o futuro do trabalho, uma questão importante e preocupante dado o atual cenário de pandemia global. Além disso, também explicou brevemente alguns conceitos sobre a “nova normalidade” e alguns desafios impostos ao mundo pós-COVID-19.

**Ana Inés Basco (BID – INTAL, Argentina)** começou com uma contextualização geral do assunto, focando nos conceitos de teletrabalho. A palestrante destacou um relatório produzido em conjunto com a Google, na qual foi constatado um elevado aumento no número de teletrabalhos. Entretanto, a mesma pesquisa relata a possível diminuição de tal número ao final da pandemia, visto que muitas corporações ainda preferem o modelo tradicional de trabalho. Outro ponto destacado foi o da automação inclusiva acelerada pela transformação digital, o que merece destaque em um mundo cada vez mais globalizado e dominado por algoritmos de inteligência artificial. Nesse sentido, deve-se ter em conta uma série de fatores como conectividade, acesso a novas tecnologias e um olhar sobre as estruturas e sistemas das empresas; uma vez que, sem uma leitura crítica, as desigualdades sociais e de gênero poderão aumentar.

**Carolina Caeiro (LACNIC, Haiti)** compartilhou algumas experiências obtidas através de um projeto de capacitação feminina do LACNIC. Caeiro destacou que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem atuar como forma de democratizar o conhecimento em países menos desenvolvidos, especialmente durante a fase de alfabetização. Foi muito interessante ter apresentado o exemplo concreto do Haiti, o que comprovou a eficácia das TICs, mas também constatou algumas dificuldades sofridas pelas participantes. Um fator limitante é a desvalorização do trabalho online, visto que os habitantes tendem a buscar o que é mais rápido, principalmente por questões financeiras, e acabam ignorando as vagas remotas que possuem alta competitividade e demorados processos de contratação. Além disso, barreiras como a falta de acesso ao crédito, a uma conta bancária e até a desvalorização/preconceito cultural com o ambiente digital acabam sendo fatores que fizeram um número considerável de mulheres desistir do programa.

**Rodrigo Galindo (Google, Colômbia)** apresentou boas perspectivas em relação ao processo de transformação digital nas empresas da América Latina. Galindo destaca que a pandemia impulsionou de forma positiva a atuação de mercados emergentes na economia internacional, visto que as corporações estão utilizando majoritariamente a Internet em suas transações comerciais. Além disso, o palestrante ainda cita os novos programas de capacitação online oferecidos pela Google para ajudar na capacitação de profissionais nesse momento difícil. Por fim, afirma que haverá

oportunidades de trabalho e a chave para o cidadão que procura emprego é observar quais são as necessidades que esses empregos estão demandando e inovar, aprendendo para se qualificar.

**Erick Huerta (Sociedad Civil, México)** destaca que o COVID-19 causou uma enorme surpresa para a indústria de telecomunicações e atualmente passamos por uma fase de atendimento a essa emergência. Huerta destacou o atual monopólio das big-techs e expõe de forma muito interessante as implicações que a automação pode causar no modelo atual de trabalho, como a substituição do humano por algoritmos de inteligência artificial. O palestrante destacou a necessidade de pensarmos no futuro de maneira ambiental, visto que novos vírus podem ser descobertos a partir de processos como o aquecimento global. Além disso, o painalista vê com pessimismo a ideia de que atingiremos o equilíbrio entre o desemprego causado pela automatização e a criação de novos empregos. Huerta cita como exemplo o desenvolvimento de inteligências artificiais criadas para substituir humanos em diversas áreas. Por fim, o painalista termina dizendo que precisamos pensar nas TICs como ferramentas e não como recursos em si mesmo.

**Gerhard Reinecke (ILO, Chile)** apresentou exemplos de dois habitantes do Chile que retratam a precarização do trabalho. Reinecke destacou a dificuldade sofrida por essas pessoas ao se candidatarem a benefícios sociais, como seguros ou auxílio desemprego. Além disso, questionou sobre como é possível garantir os direitos de trabalhadores de aplicativos, como o Uber. Reinecke defende que podemos ter bons usos para essas tecnologias caso sejam reguladas de maneira a transferir o controle dos dados das plataformas para os indivíduos. Essa mesma tecnologia que vigia deve ser usada de forma benéfica para monitorar as condições de trabalho.

- Outputs e outros links relevantes:

Link que conta um pouco do projeto desenvolvido por Carolina Caieiro (“Aprendizados para o LACNIC: O que deixou a Ayitic goes Global”):

<https://www.ayitic.net/pt/aprendizaje-carolina.html>

Link do estudo apresentado por Héctor Faya (“Global State of Small Business”):

<https://dataforgood.fb.com/global-state-of-smb/>